

## TERAPIA OCUPACIONAL, COTIDIANO E PANDEMIA COVID-19: INQUIETAÇÕES ACERCA DO OCUPAR O TEMPO-ESPAÇO

Occupational Therapy, Everyday life and pandemic Covid-19: concerns about occupying time-espace

Terapia Ocupacional, cotidiano y pandemia de Covid-19: inquietaciones sobre ocupar el tiempo-espacio

### Resumo

A Pandemia COVID-19 suscita discussões de diversas ordens, e traz à tona da vida cotidiana, dilemas e velhas e novas questões que envolvem a trama indivíduo-e-sociedade. Na presente dialogia buscamos problematizar a prática profissional do terapeuta ocupacional diante do fenômeno Pandemia COVID-19. Para tanto, elegemos a vida cotidiana como ponto central da problematização. Assim, com base em referenciais das Ciências Humanas e Sociais, em especial, na Abordagem de Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Anselm L. Strauss, buscamos estabelecer um diálogo com autores do campo da Terapia Ocupacional e com as nossas observações acerca das interações sociais de terapeutas ocupacionais no ciberespaço-tempo. Esta dialogia suscita questões elementares para compreender o processo de mudança que nos instiga a reinventar o objeto profissional em Terapia Ocupacional e, conseqüentemente, a identidade profissional do terapeuta ocupacional

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional, Cotidiano, Pandemia COVID-19, Identidade Profissional.

### Abstract

COVID-19 pandemic raises discussions of several kinds, and it brings to the scene of everyday life, dilemmas as well as old and new questions which involve the individual and society plot. In the current dialogue, we seek to discuss the occupational therapist's professional practice in the face of COVID-19 Pandemic phenomenon. Having this in mind, we chose daily life as the core point of the discussion. Thus, based on references from the Human and Social Sciences, especially according to Norbert Elias's, Pierre Bourdieu's and Anselm L. Strauss's approach, we seek to establish a dialogue with authors in the field of Occupational Therapy and with our observations about the social interactions of occupational therapists in cyberspace-time. This dialogue raises elementary questions to understand the changing process which prompts us to reinvent the professional object in Occupational Therapy area and, as a result, the professional identity of the occupational therapist.

**Keywords:** Occupational Therapy. Everyday Life. COVID-19 pandemic. Professional Identity.

### Resumen

La pandemia COVID-19 plantea discusiones sobre diferentes órdenes y trae en escena de la vida cotidiana, dilemas y viejas y nuevas preguntas que involucran al individuo y la sociedad en el presente diálogo buscamos problematizar la práctica profesional de terapeuta ocupacional frente al fenómeno pandémico COVID-19. Para esto, elegimos la vida cotidiana como punto central de problematización. Entonces, basado en el referencial de las Ciencias Humanas y Sociales, especialmente en el enfoque de Norbert Elias, Pierre Bourdieu y Anselm L. Strauss, buscamos establecer un diálogo con los autores en el campo de Terapia Ocupacional y con nuestras observaciones sobre las interacciones sociales de terapeutas ocupacionales en el ciberespacio-tiempo. Este diálogo plantea preguntas elementares para entender el proceso de cambio que nos instiga a reinventar el objeto profesional en terapia ocupacional y, en consecuencia, la identidad profesional del terapeuta ocupacional.

**Palabras clave:** Terapia ocupacional, Vida cotidiana, Pandemia de COVID-19, Identidad profesional.

### Derivan Brito da Silva

Terapeuta ocupacional. Docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Paraná, UFPR. Curitiba, PR, Brasil.  
[derivan\\_to@hotmail.com](mailto:derivan_to@hotmail.com)

## 1 Apresentação da problematização

*A Terapia Ocupacional é uma forma de passar o tempo, pensando na vida. [Ela] é uma pilastra na minha vida. Pilastra que me faz crescer. A vida é uma passagem de tempo até a morte (p.29)<sup>1</sup>.*

Este texto tem por objetivo problematizar questões que envolvem a prática profissional do terapeuta ocupacional na vida cotidiana – no cotidiano – diante do fenômeno da Pandemia do COVID-19, “sem que isto obrigue comportamento simplista de negação dos conhecimentos anteriores publicados”, compartilho da ideia de que “não se inventa nada do nada, porém a partir de um conjunto de conhecimentos anteriormente oferecidos e de experiência de vida” (p. 15)<sup>2</sup>. Assim, a partir das minhas experiências cotidianas me propus a buscar aportes teóricos que me permitissem dialogizar a temática: *Terapia Ocupacional, Cotidiano e Pandemia do COVID-19: Inquietações acerca do ocupar o tempo-espaço*.

Emprestando as palavras do terapeuta ocupacional Luiz Gonzaga Pereira Leal, esclareço que os posicionamentos e questionamentos que trago na dialogia da temática

(...) são inerentes a um lugar que ocupo, o qual me empresta uma particularidade, determinada pela minha condição de Terapeuta Ocupacional a qual se encontram atrelado; os dilemas e contradições vivenciados pelos Terapeutas Ocupacionais (p. 16)<sup>1</sup>

Assim, numa perspectiva sociológica, a partir das minhas observações de interações sociais estabelecidas por e com terapeutas ocupacionais no ciberespaço, com foco na prática profissional em Terapia Ocupacional diante da Pandemia do COVID-19, busquei subsídios teórico-conceituais nas ideias de Agnes Heller, Norbert Elias, Anselm L. Strauss, Pierre Bourdieu, em especial, para problematizar questões da relação entre *Cotidiano e Terapia Ocupacional* e as contribuições que nós terapeutas ocupacionais podemos oferecer a sociedade diante da Pandemia do COVID-19. Acredito, que estamos, mais uma vez, diante de uma oportunidade de avançar na compreensão das relações existentes entre a vida cotidiana e o nosso objeto e identidade profissional, de forma contextualizada. De forma, positiva, as crises na Terapia Ocupacional, são necessárias. Elas expressam as contínuas lutas por conceitualizar a Terapia Ocupacional, e o conjunto de termos que estruturam seu objeto profissional, a fim de garantir seu crescimento, seu futuro<sup>2</sup>.

A escolha pelos autores supracitados busca sugerir perspectivas teóricas, oriundas das Ciências Humanas e Sociais, que podem nos instigar a aprofundá-las, em outros mo-

mentos, compartilhando da ideia que

(...) a construção teórica do termo cotidiano enquanto um conceito crítico para a terapia ocupacional implica em um diálogo com as Ciências Humanas e Sociais, no âmbito das quais este conceito se tornou importante para a compreensão da realidade social contemporânea (p. 10)<sup>3</sup>.

Esclareço que as ideias de Agnes Heller na compreensão do *Cotidiano* foram utilizadas de forma articulada com conceitos dos demais autores selecionados para a dialogia, ao considerar trabalhos já publicados no campo da Terapia Ocupacional que se debruçaram na apresentação dos conceitos da referida autora e sua relação com o campo da Terapia Ocupacional, como por exemplo: *O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social* (Galheigo, 2003); *Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil* (Salles; Matsukura, 2013), e *Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias* (Galheigo, 2020). Também, aproveito para esclarecer que esta dialogia não busca apresentar e explicar em detalhes todos os conceitos das demais abordagens/perspectivas dos demais autores, como por exemplo, da Abordagem Elisiana e Bourdieusiana, mas nos provocar à busca em outras perspectivas teóricas, das Ciências Humanas e Sociais, que nos ajude a avançar na discussão acerca do *Cotidiano* no campo da Terapia Ocupacional. Partimos da ideia que o *cotidiano* é polissêmico, e se expressa naquilo que

é costumeiro, mundano; aquilo que acontece todo o dia, é a vida presente, de homens e mulheres presentes. Apesar de significar dia a dia, há uma intensidade especial na palavra cotidiano que faz dela inspiração para poetas, músicos, escritores e estudiosos. [...] os produtores de arte e de conhecimento, ao se debruçarem sobre o cotidiano, revelam a tessitura da vida: apresentam as camadas duras da repetição e do sofrimento no dia a dia; mostram a delicadeza dos afetos e o encantamento de pequenos gestos e fazeres; visibilizam a diferença, a discriminação, os preconceitos e as injustiças; e oferecem testemunho das possibilidades de criação, reinvenção, cooperação e transformação de si e do mundo (p. 03-04)<sup>3</sup>.

Arrisco-me a dizer que ele – o cotidiano – está presente na prática da Terapia Ocupacional desde suas origens, na divisão social do trabalho no campo da saúde<sup>4</sup>. Nesta divisão do trabalho, o terapeuta ocupacional surge como profissional que envolve pacientes em determinadas atividades-ocupações habituais da vida cotidiana, seja como meio de avaliação e/ou tratamento, ou um fim em si mesma, além de criar estratégias e recursos necessários à realização de tais atividades-ocupações, entre outros fazeres que compuseram a sua prática profissional. Entretanto, é possível observar falhas na auto imagem do terapeuta ocupacional do passado-e-do-presente, acerca de perceber a si próprio e perce-

ber a sua prática como pertencente à vida cotidiana, e que nela se faz, se constrói, em determinado tempo-espaço do agir cotidiano, que compõe a vida nossa de todos os dias<sup>5</sup>.

Sendo o cotidiano a vida nossa de todos os dias, o que nos interessa nele, enquanto terapeutas ocupacionais? Acredito que nos interessamos pelo fenômeno ocupacional, e tudo nele imbricado, que se expressa por meio das ocupações que realizamos diariamente, das mais simples ações-tarefas-atividades humanas às mais complexas<sup>6</sup> e que preenchem o tempo-espaço presente, incluindo aí o presente passado e o presente futuro.

As ocupações humanas surgem na cena da prática profissional em Terapia Ocupacional, por vezes, como problema que se expressa nas dificuldades enfrentadas por indivíduo(s) em sua realização, e em outras vezes como um meio-solução de tratamentos para questões específicas de saúde, educacionais e/ou sociais, presentes no cotidiano. Assim, o cotidiano é uma moeda com faces marcadas por sutis e densos detalhes presente na relação homem-ocupação-espaço-tempo, e que de forma dialética nos provoca a refletir acerca destas faces – problema-e-solução – na prática cotidiana do terapeuta ocupacional, revelando assim sua polissemia.

Percebo que a tomada de posição em relação ao uso do termo *cotidiano* como uma palavra, noção ou conceito<sup>7</sup>, numa perspectiva crítica, segue em processo de discussão no campo da Terapia Ocupacional no Brasil. Lembrando que:

Afirmar que um pensamento e uma prática são críticos, em oposição a outros que não seriam considerados como tal, pode soar como arrogância e causar desconforto, principalmente no âmbito de uma prática profissional, como a terapia ocupacional, [...] a apresentação de argumentos teóricos tem a função de servir de inspiração e colaborar com a construção de perspectivas críticas e emancipatórias de terapia ocupacional, ao invés de buscar linhas demarcatórias entre certos e errados, sob o risco de se produzir atitudes dicotômicas e discriminatórias<sup>3</sup>.

Partindo das ideias de Agnes Heller, acredito que terapeutas ocupacionais buscam compreender o fenômeno ocupacional que se materializa nas simples-complexas atividades cotidianas que o homem (ser genérico-e-ser particular) experimenta, vive, nos diferentes espaço-tempo de sua existência. Esse interesse dos terapeutas ocupacionais pode ser motivado pela ideia de que é “a partir dessas atividades que as pessoas se relacionam entre si, participam do processo produtivo da sociedade, vivenciam a cultura da qual fazem parte e se tornam quem elas são” (p. 266)<sup>8</sup>.

Apesar do que foi dito até então, observo que no campo da terapia ocupacional ainda permanece certos embaraços com os termos: *cotidiano* e *vida cotidiana*. Há, em certa medida um descompasso, uma disputa legítima e necessária<sup>2</sup>.

Entendendo que o campo teórico da terapia ocupacional busca, ou deveria buscar, em certa medida, organizar, sistematizar o conhecimento acerca das práticas em terapia ocupacional. Partindo das ideias de Maria Cecília de Souza Minayo, um caminho possível para tal organização-sistematização seria: avançar na construção de conceitos e teorias relevantes ao campo da Terapia Ocupacional a partir das noções-imagens, utilizadas por terapeutas ocupacionais para descrever e explicar suas experiências de forma aproximadas do real<sup>7</sup>. Lembrando que, como adverte Pierre Bourdieu, o real é relacional<sup>9</sup>. E, portanto,

(...) os conceitos podem ser considerados um dos caminhos para ordenação teórica dos fatos, relações e processos sociais, devendo ser confronto com o campo empírico, permanentemente recriados e reconstruídos. Todo conceito é historicamente construído (p.176)<sup>7</sup>.

Assim, toda (re)formulação conceitual requer análise de sua origem e percurso de forma crítica, buscando “entender o sentido histórico e sociológico de sua definição e das combinações que produzem” (p.176-177)<sup>7</sup>. Eis o desafio que o caráter polissêmico e complexo presente no termo *cotidiano* no campo da Terapia Ocupacional impõe aqueles que buscam utilizá-lo, seja como palavra, noção-imagem, conceito, categoria de análise, ou outra finalidade.

Compartilho da ideia de que “são diversas as possibilidades do uso do conceito de cotidiano na pesquisa e na prática da terapia ocupacional” (p. 266)<sup>8</sup>. Mas, acredito que há a necessidade de romper com o receio em utilizar do termo *cotidiano* devido à não concordância ou rejeição às explicações teóricas até então utilizadas para justificar sem uso, seja como noção-imagem, seja enquanto conceito<sup>7</sup> no campo da Terapia Ocupacional. Precisamos avançar nesta questão de forma dialógica e polifônica, a partir do entendimento que as

Vozes que se enfrentam em um mesmo enunciado e que representam os diferentes elementos históricos, sociais e linguísticos que atravessam a enunciação. Assim vozes são sempre vozes sociais que manifestam as consciências valorativas que regem a, isto é, que compreendem ativamente o enunciado (p. 111)<sup>10</sup>.

Neste sentido, a vigilância epistemológica nos instiga à reflexão do conhecimento produzido e compartilhado no interior do campo científico, ou melhor, no espaço daquele campo no qual, em nome da Terapia Ocupacional, agentes tomam posição, não devemos esquecer que,

o campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. [...] é um campo de forças e um campo de lutas por conservar ou transformar esse campo de forças. [...] [Nele] é a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer. [...] Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do eu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições (p. 21-29)<sup>11</sup>.

Assim, considerando a complexidade presente no termo *cotidiano* no campo da Terapia Ocupacional, acredito que, por vezes, terapeutas ocupacionais utilizem em sua linguagem profissional, majoritariamente, o termo cotidiano como uma noção-imagem. Ao mesmo tempo, o termo cotidiano caminha para um conceito<sup>7</sup>, na medida em que auxilia na formulação do objeto profissional em Terapia Ocupacional. Entretanto, não sendo o objeto profissional em si, mas parte constituinte dele – no entendimento que o objeto profissional confere especificidade, distinção, identidade<sup>12,13,4</sup>.

Há uma certa concordância na compreensão de cotidiano como aquilo que “as pessoas fazem, como usam o tempo, onde vão, quais são seus desejos, como o contexto social facilita ou dificulta o engajamento das pessoas em diferentes atividades; enfim, como se constrói a vida cotidiana” (p. 266)<sup>8</sup>.

Para aprofundar a problematização ora enunciada, seguiremos por quatro tópicos: (2) Vida Cotidiana: hábitos sociais em tempo de COVID-19; (3) O tempo-e-espaco: *locus* da expressão do controle social e autocontrole na dimensão ocupacional frente à COVID-19; (4) Terapia Ocupacional: diálogos possíveis no enfrentamento da COVID-19; e (5) Entendimentos Finais.

## **2 Vida cotidiana: hábitos sociais em tempo de COVID-19**

A vida cotidiana pode ser entendida como a vida do homem e da mulher de todos os dias<sup>5</sup>. Nela, nós, nos percebemos como indivíduos pertencentes a grupos, a instituições, a organizações, a sociedade, ao mundo.

Os seres humanos são entendidos como constituído pelas dimensões biológica, psicológica, social, cultural e espiritual e, por que não, ocupacional? Entendo a dimensão ocupacional como aquela que se atravessa e se mantém imbricada com as demais dimensões do ser humano genérico-e-particular<sup>5</sup>, e que se estrutura e se expressa como uma síntese do conjunto das demais dimensões, incluindo a si mesma.

Logo, *ocupacional* é qualidade do ser humano genérico-e-particular, e que se torna tangível nas ocupações humanas constituídas por hábitos sociais que estruturam a vida

cotidiana, em determinado tempo-e-espço, e que, acabam por construir as identidades individuais e coletivas. Ocupar o tempo-e-espço é o desafio diário que se trama e se vive a cada momento da vida social, experimentado pelos indivíduos em seus diferentes contextos relacionais de vida, no tempo-espço.

Na atualidade, a vida cotidiana está sendo estruturada em torno do fenômeno Coronavírus/COVID-19, reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como pandemia COVID-19<sup>14</sup>. Esta pandemia se impõe e tensiona a estrutura da vida cotidiana abrindo espaço para discursos-e-práticas que motivam e oferecem significado e ditam o fluxo das atividades habituais-ocupações que compõem as rotinas diárias de cada indivíduo, em sua dimensão de ser particular e ser genérico/universal<sup>5</sup>.

Tal tensionamento vem exigindo dos indivíduos um ajuste ocupacional diante da possibilidade ou não de realizar determinadas ocupações do dia-a-dia. Tomando como exemplo as atividades habituais que compõem a ocupação de 'fazer compras' (por ex. no supermercado, farmácias, padarias, etc.) é possível observar as sutis mudanças naquelas atividades habituais – que ocupa o tempo-espço – de indivíduos que participam em algum grau desta cena corriqueira da vida cotidiana, decorrente dos discursos-e-práticas relacionadas às medidas de prevenção à COVID-19.

Em acordo com as ideias de Norbert Elias, espera-se que indivíduos, dotados de autocontrole e sentimentos de vergonha e de constrangimentos, pautem suas condutas na vida cotidiana, por exemplo, nas atividades habituais que compõem o 'fazer compras', em acordo com as medidas preventivas de como se comportar em estabelecimentos comerciais, durante a Pandemia COVID-19, constituindo mudanças no *habitus* que se expressaria no 'fazer compras'<sup>15,16</sup>.

Desta forma, os indivíduos ao se planejarem para o 'fazer compras', ainda que elaborem uma lista de compra, utilizem máscaras e higienizem as mãos, ao adentrar o supermercado, não seriam capazes de planejar racionalmente as interações sociais que ocorrem no momento presente do 'fazer compras'. Isto porque, as interações sociais se constituem por "uma espécie de teia/rede de interdependências (funções/papéis em um dado contexto real) que liga os indivíduos em relação de dependência funcional, baseada no controle social (sociedade) e autocontrole (indivíduo) (p. 136)<sup>17</sup>, impossível de se prever, planejar racionalmente,

e é essa rede de funções que as pessoas desempenham uma em relação às outras, a ela e nada mais, que chamamos de "sociedade". Ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos de "estruturas sociais". E ao falarmos em "leis sociais" ou "regularidades sociais", não nos referimos a outra coisa senão a isto: às leis autônomas das relações entre pessoas individualmente consideradas (p. 23)<sup>16</sup>.

Assim, indivíduos que expressem o autocontrole (obediência as imposições das medidas preventivas à COVID-19), em um primeiro plano podem ser entendidos como civilizados, e ao contrário, descivilizado. Em segundo plano, cabe destacar que, segundo Norbert Elias, o processo de individualização<sup>16</sup> abre possibilidades de escolha e risco da escolha, ou seja, “os indivíduos dentro de uma autonomia relativa ensaiam seu processo de individualização – tem rotas ou (re)criam outras no processo interativo da vida cotidiana” (p. 156)<sup>17</sup>.

Agregando as ideias de Pierre Bourdieu, é importante pontuar que:

Não há controle real dessa lógica senão para que é completamente dominado por ela, por quem a possui, mas a ponto de ser totalmente possuído por ela, ou seja, despossuído. E, já que é assim, é porque não há aprendizado senão prático dos esquemas de percepção, de apreensão e de ação que são a condição de todo pensamento e de toda prática razoáveis e que, continuamente reforçados por ações e discursos produzidos e segundo os mesmos esquemas, são excluídos do universo dos objetos de pensamento. [...] É porque os agentes jamais sabem completamente o que eles fazem que o que fazem tem mais sentido do que imaginam (p. 30; 113)<sup>18</sup>.

Neste sentido, as ocupações humanas podem ser compreendidas como produto do *habitus* – isto é, o conjunto de fazeres humanos que indivíduos vivenciam nos diferentes tempos-espacos de convivência (por exemplo, em casa, na escola, no trabalho, no lazer, na rua). O *habitus* decorrem do processo de civilização e de individualização, e, que sustentam as motivações para a realização das atividades habituais, das mais simples às mais complexas, que estruturam as interações sociais na vida cotidiana, nas diferentes configurações, onde se vive, se constrói e constrói realidade existencial do eu-nós<sup>16</sup>.

Assim, as ocupações humanas, enquanto expressão do *habitus*, preenchem o tempo-espaco ao instrumentalizar os indivíduos para satisfação de suas necessidades de natureza biológicas, psicológicas e sociais. Agregando as ideias de Agnes Heller, neste sentido, os indivíduos se engajam e desempenha suas ocupações segundo suas motivações particulares, e ao mesmo tempo, ao se engajarem e desempenharem suas ocupações expressariam de forma particular sentimentos e paixões – enquanto manifestações humano-genéricas<sup>5</sup>.

Destarte, as ocupações humanas, enquanto produto das motivações e expressões, que move os indivíduos e os fazem estruturar e viver as suas rotinas diárias – que compõem a vida cotidiana -, podem ser entendidas como o núcleo, a base, a essência do fenômeno ocupacional, pelo qual se interessam, ou deveriam se interessar, os terapeutas ocupacionais. Assim, o fenômeno ocupacional contém a particularidade e a genericidade humana, , ou seja, o ser particular e ser genérico<sup>5</sup>. Destarte, por meio das ocupações do dia-a-dia os indivíduos expressam o entendimento que cada um possui de si mesmo

(autoimagem) e da sociedade em que vive (composição social). Ou seja, do eu-e-do-nós, presente nas configurações as quais eles, os indivíduos, estão filiados (por exemplo, família e demais grupos dos quais participamos) e que formam a teia/redes de interdependências, ou ainda, relações de interdependências com a qual e pela qual indivíduos interagem na vida cotidiana, se constrói e participa da construção da realidade em que vive<sup>16</sup>.

Na Teoria Elisiana

(...) a função dos conceito de 'configurações' e de 'relações de interdependências' é fazer desaparecer a visão tradicional do homem – enquanto um ser fragmentado e isolado em suas dimensões biológica, psicológica e sociológica –, para dar lugar a uma visão que integra indivíduo-e-sociedade enquanto conceitos interdependentes necessário à compreensão do processo de individualização ( p. 152 )<sup>17</sup>.

Nas diferentes configurações os indivíduos, que delas participam, buscam se comportar em acordo com o processo histórico-social que deu origem ao *habitus* aceito naquelas configurações, revelando assim, a integração da dimensão psíquica (psicogênica) e social (sociogênica) do indivíduo, de forma contextualizada no tempo-e-espço em que vive<sup>16</sup>.

As ideias defendidas por Agnes Heller, em torno do cotidiano, e de Norbert Elias, em torno do processo civilizatório e de individualização, podem contribuir para a compreensão dos desafios presentes na vida cotidiana desencadeados pela Pandemia COVID-19. Assim, é possível compreender que ninguém está fora da vida cotidiana, da sociedade, todos participam dela e a vivencia em acordo com motivações e significados que atribuem a cada ocupação humana que compõem a rotina diária que preenche, ocupa o tempo-espço na vida cotidiana.

E por falar em ocupação do tempo-espço, buscando avançar no debate acerca do significado imbricado na expressão "ocupar o tempo" para além do senso comum, no entanto, sem negá-lo, Norbert Elias nos oferece outras contribuições capazes de auxiliar na compreensão do tempo-espço para além da teoria clássica e teoria da relatividade, de Newton e Einstein, respectivamente<sup>19, 20,21</sup>.

Entendemos que a forma de compreender o tempo-e-espço de Norbert Elias, em certa medida, contribui para avançar na compreensão da dimensão ocupacional dos indivíduos – fenômeno ocupacional – e de como por meio desta dimensão eles fariam, produziriam, viveriam aquilo que o senso comum quer dizer, mas que se torna incompleto, em expressões como: "ocupar o tempo" e "minha terapia ocupacional". Estas expressões, por vezes, podem se relacionar, expressar, se ligar a noção de "desocupados" ou "passatempo", mas, ainda assim, é algo inerente experiência humana na vida cotidiana,

portanto, polissêmico.

### **3 O tempo-e-espaço: *locus* da expressão do controle social e autocontrole na dimensão ocupacional frente a COVID-19**

A reflexão acerca da vida cotidiana, entre tantas outras questões envolvidas, nos leva a questão do tempo-espaço. Norbert Elias em sua obra intitulada *Sobre o Tempo* nos oferece elementos teóricos que nos permitem avançar na compreensão do tempo para além do calendário, do relógio, das noções de passado, presente e futuro, buscando vencer as dicotomias e integrar o “tempo objetivo e subjetivo, tempo da natureza e da consciência, tempo físico e social, tempo cosmológico e fenomenológico etc.” (p. 203)<sup>21</sup>.

Norbert Elias nos encaminha à compreensão do tempo em sua dimensão simbólica<sup>19,20,21</sup>. Esta dimensão simbólica do tempo é essencial para compreensão da dimensão ocupacional presente no indivíduo-e-sociedade. A partir da dimensão simbólica do tempo o indivíduo orientaria suas ações nos fluxos de suas ocupações diárias, que compõem a vida cotidiana, presente nas configurações das quais participa, compartilha, é filiado.

O texto *O tempo-espaço: ficção, teoria e sociedade*<sup>19</sup>, sintetiza algumas das ideias de Norbert Elias:

O conjunto das individualidades forma o coletivo social, princípio de organização da sociedade. Remotamente, a organização social produzia espaços restritos em tempos longos. A cada avanço do processo civilizacional, a sociedade se organizava em novas configurações de tempo-espaço. A cada tempo-espaço da civilização humana, como um todo, foram se destacando processos mais rápidos, com maior grau de organização social. A escala de transformação, de evolução nos diversos processos civilizacionais que se instalaram, formou uma consciência do tempo para os eventos da vida pessoal e social (p. 04)<sup>19</sup>.

Assim, processualmente, “o tempo tornou-se a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico” (p. 17)<sup>22</sup>. A partir de então a nossa concepção das relações entre indivíduo, sociedade e natureza, foi modificada: de uma concepção de indivíduo isolado - com total autonomia - e de sociedade e natureza - enquanto dois mundos separados -, para uma concepção capaz de corrigir aquela “imagem de um universo dividido em setores hermeticamente fechados”, por meio do reconhecimento da “imbricação mútua e a interdependência entre natureza, sociedade e indivíduo” (p. 17)<sup>22</sup>.

Neste sentido, o universo é constituído, não apenas por quatro dimensões, como defendido pela teoria da relatividade de Einstein, mas, considerando o carácter simbólico do tempo, por cinco dimensões. A quinta dimensão do universo é denominada por Norbert Elias como: *dimensão simbólica da experiência ou consciência humana*<sup>21</sup>:

se a formação do universo pentadimensional, de acordo com a elaboração conceitual de Elias, teria marcado o início da aventura especificamente humana, a quinta dimensão eliasiana poderia representar, parafraseando Machado de Assis, o tecido invisível onde se borda tudo o que é exclusivamente humano: uma linguagem, um pensamento, um conhecimento, uma consciência, uma experiência vivida, um símbolo de espaço e um símbolo de tempo. Em suma, um tecido sem bordas no qual, além dos conceitos de uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo ou um túmulo, se poderia bordar um conceito de tecido, um conceito de invisível e, até mesmo, um conceito de nada. (p. 230)<sup>21</sup>.

A medida que avançamos na compreensão da problemática do tempo-espaço na vida cotidiana, surgem inúmeros questionamentos acerca das experiências cotidianas que se expressam por meio da dimensão ocupacional dos indivíduos. O presente tempo-espaço marcado pela COVID-19 coloca em movimento posicionamentos sanitários, políticos, jurídicos, religiosos, da sabedoria popular, entre outros.

Assim, profissionais dos diferentes campos (saúde, economia, educação, justiça, assistência social, entre outros) buscam, por meio de seus objetos de estudo e de trabalho, explicações que possam embasar suas prescrições em relação ao que fazer para dar conta dos desafios imposto pela Pandemia COVID-19 no tempo-espaço da vida cotidiana. Ao mesmo tempo, a população usuária-consumidora de tais prescrições mantém em curso as “maneiras de fazer” na vida cotidiana que

(...) se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*. [...] Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural.” (p. 38; 41, itálico do autor)<sup>23</sup>.

Desta forma, indivíduos, grupos, instituições, a sociedade como um todo busca respostas para o dilema: o que fazer com e no tempo-espaço, como viver o dia-a-dia?

É notório as recomendações oriundas de organizações da saúde, com apoio ou não de governantes, do judiciário e de setores da sociedade civil organizada. Os conflitos que daí surgem em relação à adoção ou não de tais recomendação pela população, podem estar relacionados aos modos de proceder na vida cotidiana:

Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede da "vigilância", mais urgente é ainda descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também "minúsculos" e cotidianos) jogam com os mecanismos de disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que "maneiras de fazer" formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou "dominados"?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política (p. 41)<sup>23</sup>.

Retomando as ideias de Norbert Elias, é possível inferir que neste cenário surgem questionamentos acerca dos desdobramentos da adoção ou não, pelos indivíduos, grupos e instituições, das medidas implementadas pelos governos. Estes questionamentos trazem à tona a questão do controle social e autocontrole, no que diz respeito ao sentimento de vergonha e constrangimento frente às mudanças nos hábitos sociais, por meio do qual os indivíduos modelariam seu comportamento na vida cotidiana, seu *habitus*<sup>16,17</sup>.

A adoção ou não de um indivíduo, em particular, a determinada medida de enfrentamento da COVID-19, impõem o desafio de articular indivíduo-e-sociedade com um par necessário à compreensão das ações e reações deste indivíduo que não está sozinho, solto no espaço social, totalmente autônomo e livre, mas que participa de certas configurações funcionais e relacionais, que compõem o cotidiano. Estas configurações constroem uma teia de relações de interdependência entre indivíduos, em determinado tempo-e-espaço<sup>16</sup>.

O cotidiano é um espaço-tempo no qual o sujeito, individual ou coletivo, de modo imediato e nem sempre consciente, acessa oportunidades e recursos, enfrenta adversidades e limites, toma decisões, adota mecanismos de resistência e inventa novos modos de ser, estar, viver e fazer. Na medida em que o cotidiano é vivido em vários contextos, poder-se-ia falar inclusive em cotidianos que se vivem em diferentes espaços-tempo. (p. 11)<sup>3</sup>.

A possibilidade de usufruir da liberdade de escolha traz consigo o risco da escolha. A liberdade de escolha e o risco da escolha é resultado do processo elevado de individualização nas sociedades contemporâneas<sup>16</sup>. Nos dias atuais, escolher fazer ou não uma determinada tarefa-atividade-ocupação em casa ou fora dela, em acordo com as medidas sanitárias de combate à COVID-19, impõe riscos não apenas ao indivíduo que escolhe, mas aos que estão com ele vivendo no cotidiano, partilhando das e nas ocupações diárias.

Desta forma, é possível compreender que as medidas de prevenção da COVID-19, relacionadas aos atos cotidianos, desde os mais simples, como de tossir/escarrar, cumprir, costumes à mesa, até os mais complexos, como os de se comportar em estabelecimentos comerciais, educação formal, trabalho, lazer, prática religiosa provoca mudanças

no *habitus*. É a mudança no *habitus*, em suas formas sutis e densas, que coloca problematiza comportamentos/conduas sociais internalizados e aceitos até então, exigindo capacidade de adaptação individual, diante do presente e presente futuro incerto. Aprofundar esta discussão, em acordo com a abordagem Elisiana exigiria aprofundar, o que não será possível neste texto, a reflexão acerca das experiências humanas diante de pandemias no que diz respeito às

relações entre os diferentes extratos funcionais que convivem no mesmo campo social, importando-se com a articulação das funções conscientes e inconscientes (psicogenético) e a configuração do campo social (sociogenético) no decorrer da história. (p. 153)<sup>17</sup>.

No momento, com base nas ideias de Norbert Elias, o que conseguimos apontar é que, neste processo, a vergonha e o constrangimento em relação à não adesão-não prática das medidas preventivas coloca em relação de interdependência, os indivíduos que incorporaram/internalizaram e expressam em suas rotinas diárias tais medidas, aqueles que ainda não incorporaram/internalizaram e aqueles que mesmo internalizando não aderem por características presentes em seu processo de individualização.

Arriscando um diálogo das ideias de Norbert Elias com as de Agnes Heller com a hipótese de haver uma dimensão ocupacional que constitui o ser humano, é possível inferir que o indivíduo ao longo da vida, de forma processual e por meio da dimensão ocupacional, vai internalizando elementos do ser genérico, em suas formas particulares aceitas nas configurações das quais ele filia, e que acaba por criar motivações e justificativas para aderir ou não a determinadas prescrições sociais, como por exemplo, as medidas sanitárias diante da COVID-19.

Neste entendimento, o *habitus* se materializam naquilo que o campo das ciências sociais e humanas denominam vida cotidiana, cotidiano, ação social, práxis, e que no campo da Terapia Ocupacional para além daquelas denominações, no esforço de demarcar sua especificidade, tem sido denominado de Ocupação Humana, Atividade Humana, Fazer Humano, Desempenho Ocupacional, Atividades Significativas, Atividades Ocupacionais, ou simplesmente Ocupação<sup>4</sup>:

Ler um jornal, lavar as mãos, arremessar um disco, caminhar por um mercado colorido em um país estrangeiro, contar uma história (em poesia ou prosa) – são todas ocupações que as pessoas realizam [...]. Entre a variedade de atividades que as pessoas realizam todos os dias, elas praticam *ocupação* por toda a vida, talvez sem sequer saber disto” (p. 15, itálico da autora)<sup>24</sup>.

Entendemos que a internalização do *habitus*, de suas transformações ao longo dos processos históricos-sociais, e de sua expressão por meio das ocupações que indivíduos realizam na vida cotidiana, não é algo de se efetiva do dia-para-noite, e é dependente do acúmulo histórico-social e de suas representações nas diferentes configurações as quais indivíduos se filiam<sup>16,17</sup>.

Bem até aqui, buscamos nas ideias de alguns autores do campo das ciências humanas e sociais problematizar a questão da vida cotidiana e do tempo-espaço tendo como interesse a compressão de como vem se processando a vida cotidiana frente ao fenômeno da Pandemia COVID-19.

Arriscamos em não trazer elementos específicos do campo biológico e da saúde para problematização da Pandemia COVID19, por entender, que tais elementos já estão, em certa medida, “na boca do povo”, nos posicionamentos de governantes, no discurso científico, na mídia, onde “o físico e o virtual passam a coexistir na cumplicidade e complexidade da configuração cibernética” denominada de ciberespaço-tempo (VIEIRA, 2006), com suas controvérsias que expressam a luta pelo poder de ato de falar. Como aponta Michael de Certau:

O ato de falar: este opera no campo de um sistema linguístico; coloca em jogo uma apropriação, ou uma reapropriação, da língua dos locutores; instaura um *presente* relativo a um momento e lugar, e estabelece um contrato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações. [...]. Supõe que à maneira dos povos indígenas os usuários “façam bricolagem” com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras. Desta atividade de formiga é mister descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos, as possibilidades (p. 40, grifo e aspas do autor)<sup>23</sup>.

Pensando este ato de falar, me pergunto: e o campo da Terapia Ocupacional, o que os terapeutas ocupacionais tem a falar? Pergunta ousada, que não responderei, apenas problematizarei.

#### **4 Terapia Ocupacional: diálogos possíveis no enfrentamento da Covid-19**

Frente ao fenômeno da Pandemia COVID-19, em acordo com as ideias da abordagem bourdieusiana<sup>9</sup>, podemos refletir acerca da Terapia Ocupacional, a qual poderíamos situar como um *campo* ou um *subcampo*, dependendo da posição que ela ocupe no espaço social e das relações de interdependência que se deseja apontar, refletir. Assim situo a Terapia Ocupacional como um subcampo da saúde. Entendo que, diante do fenômeno da

Pandemia COVID-19, o discurso que orienta as práticas sócias está situado-centrado-percebido como sendo próprio do campo da saúde, de forma interdependente com outros campos, em especial o da economia.

No entanto, frente ao mesmo fenômeno – Pandemia COVID-19 – se situarmos a Terapia Ocupacional como um campo em si, encontraremos profícuas relações de interdependência entre seus subcampos. Tomando por guia as especialidades da Terapia Ocupacional, minimamente, encontraríamos relações de interdependências entre os seguintes subcampos: Terapia Ocupacional em Contextos Hospitalares, Terapia Ocupacional em Saúde Mental, Terapia Ocupacional em Saúde da Família, Terapia Ocupacional no Contexto Escolar e Terapia Ocupacional em Contextos Sociais, sendo que os três primeiros subcampos mantem relação direta com o campo da saúde e os dois últimos uma relação interseccional, envolvendo campos como a saúde, educação, assistência social, a cultura, da justiça, entre outros<sup>25,4</sup>.

Considerando os esclarecimentos acima, a problematização que segue parte da perspectiva em posicionar a Terapia Ocupacional e os terapeutas ocupacionais como um subcampo do campo da saúde, em relação de interdependências com os demais subcampos da saúde (profissões da saúde). E como a partir desta posição, eles, os terapeutas ocupacionais se posicionam no ciberespaço diante da Pandemia COVID-19.

Vale ressaltar que, ao penetrar a vida cotidiana, “as tecnologias eletrônicas criaram o ciberespaço-tempo, pelo qual circulam diariamente grande parte das relações do mundo atual” (p. 01)<sup>26</sup>, assim:

O ciberespaço-tempo é uma concepção tempo-espaço na qual se sucedem movimentos digitalizados em comandos e que representam fatos relacionados à comunicação e à informação. A funcionalidade do ciberespaçotempo é garantida por um sistema de enlaces, interconectando em teias informáticas diferentes pontos de dispersão dos comandos. De outro modo, o ciberespaço-tempo é a configuração tempo-espaço onde se processam as diferentes formas de intercomunicação, em sistema de redes (p. 01)<sup>26</sup>.

A tomada de posição de terapeutas ocupacionais frente à Pandemia da COVID19, em especial no ciberespaço-tempo, coloca em questão velhas-e-novas questões acerca do objeto de profissional:

há pelo menos três décadas se identifica na produção brasileira o debate conceitual realizado por profissionais, estudantes e pesquisadores sobre a nomenclatura: (i) mais utilizada pela terapia ocupacional no Brasil; (ii) mais pertinente para expressar de modo genérico o fazer profissional e/ou (iii) mais apropriada para divulgar as ideias de determinada afiliação teórico-metodológica. Com base em dife-

rentes enfoques e configurações, essas produções, dentre outras, debruçaram-se sobre o uso e significado dos termos atividade, ocupação, fazer, cotidiano e/ou práxis na terapia ocupacional, questionando inclusive se seriam estes termos suficientes e/ou intercambiáveis (p. 05)<sup>3</sup>.

Entendemos que o objeto profissional do terapeuta ocupacional está em relação de interdependência com os objetos de estudo e de trabalho das demais profissões do campo da saúde. Estes objetos perpassam o campo da saúde onde os terapeutas ocupacionais desempenham suas funções laborativas, seja de numa dinâmica uniprofissional ou interprofissional. Ainda que passe despercebido, eles, os terapeutas ocupacionais, buscam integrar em sua identidade profissional o conhecimento acumulado durante sua formação e trajetória profissional (seu capital simbólico) com os conhecimentos do campo da saúde e da Terapia Ocupacional. Acreditamos que por meio desta integração ao campo da saúde, terapeutas ocupacionais apaziguam as crises geradas pelas disputas legítimas em torno dos objetos de estudo e de trabalho que estão em jogo, seja no campo da saúde ou no subcampo da Terapia Ocupacional. Este processo revela, em parte, o caráter particular – de terapeutas, e da Terapia Ocupacional – e o caráter genérico – do campo da saúde – que estão presente no subcampo da Terapia Ocupacional, e que se expressa, na tomada de posição por terapeutas ocupacionais no campo de luta e de força diante da Pandemia COVID-19.

Analisando desse ponto de vista, é possível compreender a disputa legítima acerca do que deveria constituir a prática em Terapia Ocupacional diante da COVID-19. E esta luta não é marca do presente, pois, “ao longo de sua trajetória, [a Terapia Ocupacional] tem sido conceituada, [...], das mais variadas formas (p. 23)<sup>1</sup>. O que para muitos pode parecer um comportamento, por parte de terapeutas ocupacionais, que descaracterizaria a profissão, não passa da expressão do campo de luta e campo de força que se trava no campo da Terapia Ocupacional, desde a sua fundação.

Destarte, observa-se uma busca incessante na elaboração e apresentação de uma conceituação da Terapia Ocupacional que mantenha relação de interdependência com a nomeação do objeto de estudo, capaz de garantir especificidade-identidade ao terapeuta ocupacional. Muitos, diante dos dilemas, se perguntam: mas, qual é a conceituação, definição de Terapia Ocupacional? Como se a resposta fosse capaz de lhe conceder gratuitamente a identidade daquele que pratica a Terapia Ocupacional – o terapeuta ocupacional.

Refletir acerca do objeto profissional do terapeuta ocupacional – aquele que noutras palavras contém o objeto de estudo da Terapia Ocupacional, com expectativas de lhe conferir distinção, especificidade, identidade – oferece uma trilha complexa, com becos sem e com saída, à compreensão da relação de interdependência do objeto profissional do terapeuta ocupacional com o cotidiano, o *habitus*, a dimensão simbólica do tempo, entre outros, já problematizados aqui.

Avançando um pouco mais em nossa problematização, a noção-imagem de objeto fronteiriço<sup>27</sup> nos oferece algumas pistas. O objeto fronteiriço “é constituído de um núcleo rígido – uma zona de acordo entre grupos profissionais que interagem” (p. 71)<sup>27</sup>. Assim, podemos situar a vida cotidiana como um objeto fronteiriço, enquanto objeto de estudo e de trabalho de interesse de muitos profissionais, e não apenas de terapeutas ocupacionais.

Talvez seja útil aqui dar um exemplo de uma batalha em torno das jurisdições. Em algumas instituições [...] grupos diferentes disputam entre si para saber que tem o direito líquido e certo de fazer determinadas coisas e quem não o tem. [...]. Na proporção em que são disputados e comprometidos direitos legais e profissionais, emerge o destino do grupo profissional. [...] a questão é temporal. [...] está em jogo aqui uma questão muito mais fundamental, a de saber o que acontece quando as pessoas de boas intenções mas de perspectivas divergentes não conseguem entrar em acordo. Na verdade, feliz é o jogo que conta com um árbitro, mas na maioria dos jogos as verdades e os julgamentos não serão entregues facilmente a uma autoridade mais alta. Chega-se ao seguinte: ambos os lados apresentarão seu caso da melhor maneira possível e di modo como vêem as coisas, e cabe à plateia ou plateias escolher um ou outro ou nenhum dos dois (p. 46)<sup>28</sup>.

Entendemos que a afirmação de que terapeutas ocupacionais resolvem problemas da vida cotidiana, procede, mas apresenta limites. Que limite, recorte é este? Eis as questão! Os agentes, entre eles, indivíduos alvo da prática dos terapeutas ocupacionais, presentes no tempo-espaço, onde se materializa a prática profissional, oferecem as pistas. É lá que por meio do constante e necessário confronto entre o campo empírico e teórico, temos possibilidades, se de fato desejarmos, de recriar e reconstruir o conceito de cotidiano, e tantos outros, no campo da Terapia Ocupacional.

Neste sentido, uma questão central, que se coloca é: se há interesse de terapeutas ocupacionais por resolver problemas da vida cotidiana, que métodos, técnicas, estratégias, abordagens eles reúnem em seu campo de saber e prática – a Terapia Ocupacional – com potência para contribuir na resolução do problema eleito, e em conjunto com os demais profissionais que estão no mesmo tempo-espaço da vida cotidiana?

Diante da Pandemia COVID-19, muitas respostas tem sido dado por terapeutas ocupacionais, no ciberespaço-tempo, bem como em serviços do campo da saúde, com o objetivo de: estabelecer rotinas; sugerir/prescrever/orientar/monitorar formas de realizar as atividades habituais em casa e na comunidade; orientar/monitorar familiares e cuidadores acerca do cuidado com crianças, idosos e indivíduos com algum tipo de dificuldade na realização das atividades habituais do dia-a-dia; confeccionar máscaras e demais acessórios/equipamento de proteção individual; utilizar recursos de tecnologias assistivas em

contextos hospitalares em prol do conforto e prevenção de sequelas; acolher usuários de serviços de saúde e orientá-los acerca dos cuidados individuais e coletivos no dia-a-dia; orientar estratégias para manutenção de uma rotina diária em prol do bem estar, promoção da saúde, prevenção da COVID19; oferecer dicas de atividades para utilizar no tempo livre (hobby, passatempos, etc); usar de forma presencial e/ou remota atividades-ocupações para avaliação e intervenção junto indivíduos, grupos e coletivos; empreender ações em defesa dos direitos humanos, em especial, de indivíduos em situação de vulnerabilidades; dar continuidade aos processos terapêuticos de forma remota e presencial; retomada de processos terapêuticos de forma presencial; entre outros.

O debate acerca do que se tem feito na prática profissional em Terapia Ocupacional diante da Pandemia COVID-19, por vezes, motiva questionamentos, em especial, em relação às estratégias relacionadas à ocupação do tempo, à organização de rotinas, prescrição de atividades ocupacionais. Parte dos questionamentos observados no ciberespaço, tem me provocado a pensar: até que ponto certas condutas profissionais de fato “manchariam” a identidade profissional? A questão é relativa aos métodos no que eles têm de ameaçadores à identidade profissional ou trata-se de uma fragilidade epistemológica do que vem a ser a identidade profissional, ou ambos?

No ciberespaço-tempo terapeutas ocupacionais disputam legitimamente defesas em prol da permanência daquilo que acreditam ser a identidade profissional do terapeuta ocupacional e/ou daquilo que poderia vir-a-ser. Enquanto a disputa segue às margens do rio, entre terapeutas ocupacionais, o rio segue.

Para seguir o rio, refletindo acerca deste tema – objeto profissional em Terapia Ocupacional – recorro, em especial, a obra de Anselm L. Strauss *Espelhos e Mascaras*, naquilo que as ideias do autor nos auxilia para problematizar de como a ação de terapeutas ocupacionais no enfrentamento da Pandemia COVID-19 põem em questão as mudanças experimentadas na identidade profissional do terapeuta ocupacional. Assim, é relevante observar

que todo objeto particular pode ser nomeado, e desse modo localizado, de inúmeras maneiras. O nomear coloca-o num contexto de classes relacionadas de forma totalmente diferente. A natureza ou essência de um objeto não reside misteriosamente dentro do próprio objeto, mas é dependente do modo pelo qual ele é definido pelo nomeador. [...] nomear ou designar é sempre fazê-lo a partir de um ponto de vista. [...] A justificativa disso está na perspectiva, e não nas coisas. [...] o modo como as coisas são classificadas juntas, revela, tanto gráfica quanto simbolicamente, as perspectivas do classificador (p. 36)<sup>28</sup>.

Assim, a partir de determinada definição de Terapia Ocupacional, dada por terapeutas ocupacionais, de forma individual ou coletiva, é possível situar a Terapia Ocupacional de modo a compreender o que motiva ou deveria motivar a ação do terapeuta ocupa-

cional, neste momento da Pandemia COVID-19.

O uso de determinada definição marca no tempo presente: o presente do passado, o presente e o presente do futuro da Terapia Ocupacional. Ou seja, terapeutas ocupacionais buscam no tempo-espaço respostas para a questão: o que cabe, qual a competência/função/atribuição ou papel do terapeuta ocupacional no enfrentamento da Pandemia COVID19? Para tal recorrem, do seu ponto de vista, às experiências e conhecimentos acumulados em seu campo específico e campos correlatos acerca do que foi feito até então, o que se faz no presente e no que se imagina se possível fazer no futuro.

Se olharmos atentamente para o ciberespaço-tempo, perceberemos que as respostas à esta questão mantêm relação de interdependência com a construção da identidade profissional dos terapeutas ocupacionais, em especial, daqueles que estão atuando nos diferentes serviços de saúde, daqueles que estão nas instituições de ensino e daqueles que exercem cargos nas organizações profissionais. Todos eles, em alguma medida, definem Terapia Ocupacional, buscando nomear o seu objeto de estudo.

Quando conseguimos determinar algum objeto ou evento de tal modo que pensamos saber o que ele é, então temos a ilusão de que pelo menos essa porção do nosso mundo é conhecida. Mas deixemos que o objeto abandone por um momento seu caráter, e logo se torna aparente que, seja o que for que ele tenha sido, ele não é mais. Existe inclusive a possibilidade de que nunca tenha sido o que pensamos que fosse. Então o que ele é, como fazer para avalia-lo, defini-lo, agir com relação a ele, e para que propósitos; e o que somos nós, nós mesmos, com respeito a ele? (p.44)<sup>28</sup>

A disputa legítima pela resposta à questão enunciada anteriormente – O que cabe, qual a competência/função/atribuição ou papel do terapeuta ocupacional no enfrentamento da Pandemia COVID19? –, tem lá seus pontos de convergências e divergências, que expressam de certo modo, a concordância ou não, em determinados pontos. Estes pontos de concordância podem revelar a base (convergência) ou as bases (divergências) que oferecem os alicerces “para traçar círculos simbólicos em volta das coisas” (p. 39)<sup>28</sup>, daquilo que estabelece a configuração da Terapia Ocupacional, enquanto campo de saber e de prática.

Qualquer grupo de pessoas que permanecem por algum tempo num lugar desenvolve uma “linguagem especial”, um dialeto ou jargão, que representa sua maneira de identificar aqueles objetos importantes para a ação do grupo. (p. 40)<sup>28</sup>.

Um outro aspecto que tem relevância em nossa análise acerca da questão, e que contribui para reflexão da construção da identidade profissional, diz respeito ao papel do

outro. Ou seja, não se responde à questão da identidade profissional apenas com as respostas dadas por terapeutas ocupacionais, mas também pelos outros (em especial, gestores de saúde, profissionais de saúde e população usuária os serviços de terapeutas ocupacionais e em geral).

Assim, responder acerca da competência-função-atribuição-papel do terapeuta ocupacional no enfrentamento da COVID-19, é em algum sentido, uma forma de construção de identidade neste tempo-espaço. Falar em identidade em Terapia Ocupacional é sempre algo tido como complexo, quando não, uma conversa cansativa, pois parte dos terapeutas ocupacionais insistem em ficar às margens do rio, ao invés de seguir seu fluxo. Realmente não é algo simples e dado, mas, que requer fluidez cognitiva, para dar conta de sua constante mudança.

O conceito de identidade é tão esquivo quanto o é o senso que toda pessoa tem de sua própria identidade pessoal. Mas, seja o que for, a identidade está associada às avaliações decisivas feitas por nós mesmos – por nós mesmos e pelos outros. Toda pessoa se apresenta aos outros e a si mesma, e se vê nos espelhos dos julgamentos que eles fazem dela. As máscaras que ela exhibe então e depois ao mundo e aos seus habitantes são moldadas de acordo com o que ela consegue antecipar desses julgamentos. Os outros se apresentam também; usam as suas próprias máscaras e, por sua vez, são avaliados (p. 29)<sup>28</sup>.

Neste sentido, toda nomeação, “é um ato de colocação ou de classificação”<sup>28</sup> que tem influência na identidade. Ao se nomear o objeto profissional do terapeuta ocupacional, se coloca, posiciona a Terapia Ocupacional em espaço-tempo. É necessário compreender estes diferentes tempo-espacos. É mister lembrar que,

(...) o conceito não é uma palavra, mas uma denominação, uma definição, um nome dotado de um sentido capaz de interpretar as observações e as experiências. É uma interpretação; não existe propriamente falando a não ser onde existe, pelo menos em esboço (p. 40)<sup>27</sup>.

A disputa legítima por tal nomeação é expressão da necessidade contínua de reavaliação, a qual permite a inovação e renovação:

Se as expectativas fossem satisfeitas sempre – se as situações e os eventos presentes fossem exatamente como as experiências passadas os antecipam – então a ação seria totalmente ritualística e as concepções, eternamente estáticas. Na verdade, a inovação repousa em situações ambíguas, confusas, e não definidas *in totum*. Da ambiguidade nasce o desafio e a descoberta de valores novos (p. 44)<sup>28</sup>.

## 5 Entendimentos finais

A vida cotidiana enquanto um objeto de estudo, pode ser entendida como um objeto fronteiro que aparece no campo da Terapia Ocupacional, e por vezes se configura como um de seus objetos de estudo, e também, tem levado terapeutas ocupacionais a situá-la como objeto de trabalho (avaliação e diagnóstico - Diagnóstico Terapêutico Ocupacional/Parecer em Terapia Ocupacional -, prescrição de estratégias para solução de problemas da vida cotidiana, descrição de resultados, encaminhamentos pós e durante a avaliação e intervenção).

Também, outros terapeutas ocupacionais a partir de certos objetos de estudo fabricado no campo interno de seu saber em relação de interdependências com outros campos do saber, tem buscado compreender o fenômeno ocupacional, como objeto próprio, específico de seu saber e prática, desde a perspectiva individual fragmentada até a perspectiva de indivíduo-e-sociedade, da forma que tratamos aqui.

E ainda, outros terapeutas ocupacionais tem enfrentado a dificuldade de se envolver, se engajar na prática teórica-reflexiva como caminho para compreensão das mudanças na identidade profissional, que de alguma forma amenizaria o sofrimento causado pelo fenômeno denominado pelos terapeutas ocupacionais "crise de identidade da Terapia Ocupacional", quando na realidade, entendo se tratar de mudanças na identidade e no *habitus*. Compreender a crise como mudança é algo necessário, poderá oferecer um ajuste nas motivações que guiam a prática profissional em Terapia Ocupacional, em acordo com os desafios que se apresentam no tempo-espaço.

Arriscando-me observo que, no mínimo, dois pontos colocam os terapeutas ocupacionais em relações de interdependências em seu campo de conhecimento próprio, específico – a Terapia Ocupacional. O primeiro denomino a atividade humana, enquanto um conceito que resultou de uma bricolagem que buscou integrar teoria-e-prática nacional com base em estudos do campo das ciências humanas e sociais, em contraposição ao modelo biomédico, como forma de nomear e explicar o objeto profissional; e um outro que denomino Ocupação Humana que expressa o esforço em se integrar à nomeação do objeto profissional em âmbito internacional, como estratégia para se posicionar no mundo globalizado, sem perder sua identidade nacional. Independente do ponto, há controvérsias. Cada um deles se relaciona com outros conceitos, como práxis, desempenho ocupacional, respectivamente. Acredito na potência de ambos para construção da síntese em prol da nomeação .

Deste dois pontos, emergem e se associam taxonomias, modelos, técnicas, abordagens e procedimentos que vem situando a prática da Terapia Ocupacional, pelos terapeutas ocupacionais, no campo da saúde, da educação, da assistência social, da justiça, do trabalho, do esporte e lazer, entre outros.

Fato é que a partir destes dois pontos e dos tensionamentos por eles provocados, terapeutas ocupacionais vêm estruturando sua prática profissional no enfrentamento da COVID-19. Assim, terapeutas ocupacionais (pesquisadores, docentes, profissionais de campo, representantes de organizações profissionais, consultores, etc.) tem se esforçado em oferecer resposta as questões-problemas relacionadas ao seu objeto de estudo e de trabalho, na expectativa de subsidiar o processo decisório e de atenção nos diferentes serviços que compõem os campos/áreas de atuação. De certa forma, buscam manter, e até mesmo resgatar, seu capital cultural e simbólico no espaço social<sup>9</sup>, seja ele individual ou coletivo, ou ambos.

A partir das disposições-*habitus* que compõem o capital simbólico da Terapia Ocupacional, terapeutas ocupacionais têm tomado posição no espaço social, em especial no ciberespaço-tempo, enquanto produtores de discursos-e-práticas capazes de atrair consumidores. Entretanto, ainda é sutil a percepção, por parte de terapeutas ocupacionais, de sua posição na vida cotidiana enquanto população consumidora-usuária do seu próprio produto.

Ao considerar o coletivo de terapeutas ocupacionais como um grupo profissional, não há como não descartar a compreensão das dinâmicas grupais e tudo que elas representam na composição da identidade grupal-identidade coletiva, e no caso, dos terapeutas ocupacionais, na identidade profissional. Neste sentido, é importante reconhecer que,

os membros de todo grupo experimentam, necessariamente, determinadas zonas de discordância conceitual e de incomunicação. Os grupos são constituídos de indivíduos que, no final das contas, trazem consigo, para sua participação em atividades cooperativas, um corpo de símbolos derivados de suas afiliações a outros grupos. Esses símbolos trazidos de fora para dentro do grupo contribuem para a inevitável formação dos subgrupos [...]. Exatamente porque existe dentro de todo grupo uma divergência de conceitos (sejam importado ou desenvolvidos internamente), há uma frequente, para não dizer contínua, formação e dissolução de coalizões, de grupos de dissidência, de "panelinhas" e de outros subagrupamentos (p. 153)<sup>28</sup>.

Reconhecemos que "a melhor síntese só aparece num campo de diferenças máximas, num campo misturado. Do contrário, a síntese se resume a repetição" (p. 73)<sup>27</sup>.

Por fim, na atualidade, frente à Pandemia COVID-19, ocupar o tempo-espaço é o desafio diário que se trama e se vive a cada momento da vida social, experimentado pelos indivíduos em seus diferentes contextos relacionais de vida. Errar e/ou acertar são consequências da tentativa.

O resgate da história das pandemias é um caminho que pode oferecer possibilida-

des para melhor compreensão de como indivíduos processam realizam suas ocupações na vida cotidiana em situações pandêmicas. Entretanto, é uma tarefa para uma outro texto-problematização-reflexão.

Por fim, voltando a Luiz Gonzaga Leal, “a Terapia Ocupacional encontra-se marcada na ‘forma’ e na ‘produção’ resultante de um processo” (p. 29)<sup>1</sup>. Sigamos problematizando nossos acontecimentos, fatos, papéis, eventos, fazeres que o campo da Terapia Ocupacional produz<sup>1</sup>.

## Referências

1. Leal, LGP. Terapia Ocupacional: guardados de gaveta e outros guardados. Recife: Ed. do Autor. 2005.
2. Jorge, RC. Psicoterapia Ocupacional: história de um desenvolvimento. Belo Horizonte: GES.TO Casa Dois Comunicação, 1995.
3. Galheigo, SM. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional. 2020; Ahead of Print. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>
4. Silva, DB. A Terapia Ocupacional no Brasil na perspectiva sociológica [Tese] Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas; 2017.
5. Heller, A. O Cotidiano e a História. 7ª ed. Coutinho CN, Konder L, tradução. São Paulo: Paz e Terra. 2004.
6. Hagedorn, R. Ferramentas para a prática em terapia ocupacional: uma abordagem estruturada aos conhecimentos e processos centrais. Muramoto MT, tradução. São Paulo: Roca, 2007.
7. Minayo, MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
8. Salles, MM.; Matsukura, T. S. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar. 2013; 21(2): 265-273. <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.028>
9. Bourdieu, P. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Corrêa M, tradução. Campinas-SP: Papyrus, 1996.
10. Zoppi-Fontana, MG. O Outro da Personagem: Enunciação, Exterioridade e Discurso in: BRAIT, B (org). Bakhtin, dialogismo e construção de sentido, 2ª ed. Rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
11. Bourdieu, P. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.

Bourdieu P; Champagne P; Landais E, revisão. Catani DB, tradução. São Paulo: UNESP, 2004.

12.Caníglia, M. Terapia Ocupacional, objeto e metodologia.. Belo Horizonte: Expressa Artes Gráficas e Editora Ltda, 1994.

13.Caníglia, M. Terapia Ocupacional: um enfoque disciplinar. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2005

14.World Health Organization. Coronavirus disease (COVID-19) Pandemic. 2020. [acesso em 2020 abr. 28. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>.

15. Elias, N. O Processo Civilizador: formação do estado e civilização. Jungmann R, tradução. Ribeiro, RJ revisão, apresentação e notas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

16. Elias, N. Sociedade dos Indivíduos. Organizado por Michael Schröter. Ribeiro V, tradução. Ribeiro RJ, revisão técnica e notas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

17.Silva, DB. Norbert Elias (1897-1990) In: Vanali, AC (org). Teoria Social. Curitiba: Edições NEP, 2016, 132-167.

18. Bourdieu, P. O senso prático. 3ª ed. Ferreira M, tradução. Corandi OL, revisão da tradução. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

19.Vieira, EF. O tempo-espaço: ficção, teoria e sociedade. Cadernos EBAPE.BR. 2003; 1 (1): 1-7.

20.Vergara, SC; Vieira, MMF. Sobre a Dimensão Tempo-Espaço na Análise Organizacional. Revista de Administração Contemporânea. 2005; 9(2):103-119.

21.Carvalho, ER. A Concepção holística e processual de tempo de Norbert Elias. Revista: Lua Nova. São Paulo; 103; 203-231. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-203231/103>

22.Elias, N. Sobre o tempo. Schröter M, editor. Ribeiro V, tradução. Daher A, revisão técnica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

23. Certeau, M. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Alves EF, tradução. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

24. Dickei, V. O que é Ocupação? In: Crepeau, EB; Cohn, ES Schell, BAB. Williard & Spackman Terapia Ocupacional. Ed 11ª. Ferreira R, Revisão Técnica. Paulo AFD, Araújo CLC, Mundim FD, Figueiredo JEF, tradução. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2011.

25.Brasil. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (Coffito). Terapia Ocupacional. Especialidades. Especialidades Reconhecidas pelo COFFITO. [acesso em 2020 mai.04]. Disponível em [https://www.coffito.gov.br/nsite/?page\\_id=3390](https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3390) Acesso em 06/05/2020.

26. Vieira, EF. A sociedade cibernética. Cadernos EBAPE.BR. 2006; 4(2): 1-10.
27. Portocarrero, V. As ciências da vida: Canguilhem e Foucault. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.
28. Strauss, A. Espelhos e Máscaras: a busca da identidade. Souza GG, tradução. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

**Submetido em:** 06/05/2020

**Aprovado em:** 07/05/2020

**Publicado em:** 15/05/2020